



**27.<sup>a</sup> reunião da ABA – Associação Brasileira de  
Antropologia – 1, 2, 3 e 4 de Agosto de 2010, Belém,  
Brasil**

**Do Rio de Janeiro a Leiria: A Imigração de Rowney e as Fronteiras e  
metamorfoses identitárias de um cirurgião dentista em Portugal<sup>1</sup>**

**Cristóvão Adelino Fonseca Franco Ribeiro Margarido – CIID-IPL/ Portugal**

**Ricardo Manuel das Neves Vieira – CIID-IPL/ Portugal,**

**Resumo**

A partir de um conjunto de entrevistas etnobiográficas e de um filme sobre vidas de imigrantes brasileiros em Portugal (Vieira e Mendes, 2010), apresentar-se-á o retrato antropológico de um cirurgião dentista nascido no Rio de Janeiro e que vive hoje em Leiria, Portugal. Mostrar-se-á o jogo das fronteiras simbólicas de um imigrante que se assume como um cidadão do mundo e que idealiza a utopia de uma imigração onde os imigrantes, os considerados “sem terra”, fossem reconhecidos como tendo identidades compostas e mestiças e capazes de se adaptar a territórios identitários vários para além dos da cultura de origem.

É usada a teoria da transfusão cultural (Vieira, 1999 e 2009) e observada a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o caso dos oblatos), seja rejeitando a de chegada num dado momento (os monoculturais de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o caso do eu multicultural), seja inventando a terceira margem, como diz Guimarães Rosa, que corresponde a uma atitude e a uma identidade glocal que inclui as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida num self intercultural, como é o caso de Rowney.

**Palavras-chave :** Entrevista etnobiográfica, identidade glocal, self intercultural

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 27.<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de Agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

## **1. A Identidade como Processo Dinâmico**

Cada sujeito nasce num determinado lugar, mas não podemos mais pensar, no século XXI, a identidade como sendo essa pertença exclusiva, essa identificação apenas com o lugar de nascimento, com a língua primeira, a cultura de origem, com as primeiras palavras, com a primeira religião, com esse primeiro, primeiro, primeiro... que se pode classificar de primordialismo. Todo o mundo já sabe disto e todo o mundo já fala sobre isto, mas, às vezes, não se fala ainda com convicção; daí que seja importante, antes de mostrarmos um trecho da vida de um brasileiro em Portugal, esta pequena introdução.

Muitas vezes, quando alguém, como Roney, assumidamente multi e intercultural, que transporta dentro de si não uma dimensão monocultural mas uma dimensão plurifacetada (pode falar duas, três, quatro línguas, pode conhecer a bíblia, o alcorão, etc., - e conhecer o alcorão não torna necessariamente a pessoa num muçulmano; conhecer a bíblia não torna necessariamente a pessoa num cristão), é analisado numa forma essencialista, acabamos por ouvir entrevistadores, jornalistas a perguntar: “Oiça Roney, está cá há 17, 18 anos, isso é tudo muito importante, mas lá no fundo, lá no fundo, quem é o Roney?” Esta pergunta enferma de um desconhecimento, porque já está a orientar a pessoa para se colocar lá no fundo, no fundo, na origem, como se a pessoa não fosse nascimento, prosseguimento, processo e desenvolvimento.

Em Leiria ([www.ciid.ipleiria.pt](http://www.ciid.ipleiria.pt)) estamos a realizar entrevistas etnobiográficas com vários imigrantes (Vieira, 2008; Vieira e Trindade, 2008). Brasileiros, primeiro, porque são imigrantes, segundo porque os imigrantes nos permitem pensar este conceito da identidade como processo. Porque é mais notório e objectivante ver os mundos culturais que um migrante, seja emigrante ou imigrante, atravessa. É mais notório, é mais objectivo falar deles do que falar de cada um de nós que, nesta vida, cada vez mais globalizada, é também um migrante, à sua maneira.

A passagem da casa para a escola é um processo de migração cognitivo e emotivo, também. Mas é mais fácil pensar nesta metamorfose, nesta transformação do eu pensando no imigrante: “Quem eu era?”, “Quem eu sou?”, “Quem eu quero ser?”. O modelo de análise que propomos torna-se aí mais visível.

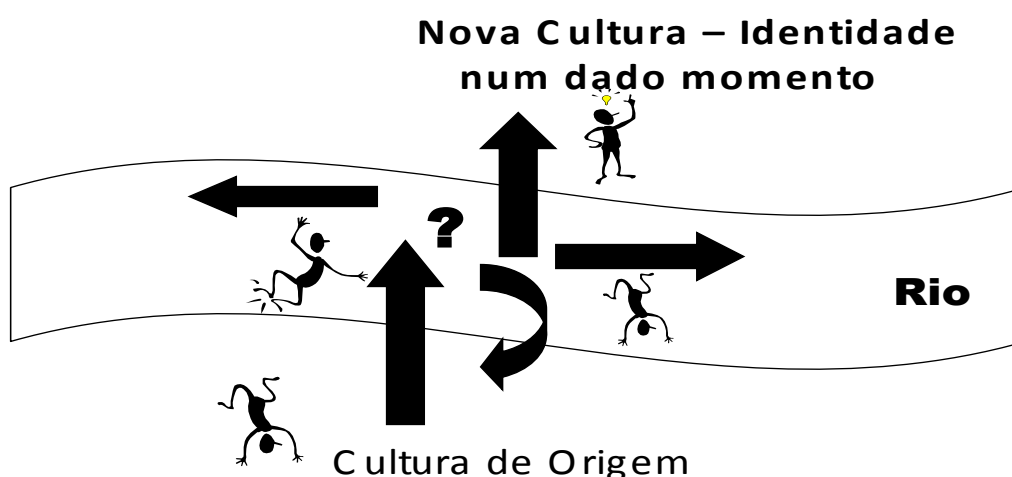
Nós não somos apenas de um lugar. E as nossas fronteiras não são físicas, são, antes, simbólicas (Barth, 1995). É preciso pensar que a paisagem social portuguesa se alterou imenso nas duas últimas décadas. Os outros, a alteridade, estão mais visíveis entre nós. Os brasileiros estão mais visíveis entre nós portugueses. Eles fazem parte do nosso

património e, neste sentido, é o próprio Portugal que se torna ainda mais multicultural do que já era (Bastos e Bastos, 1999).

O que vos queríamos mostrar é que não só o Rowney, como todos os imigrantes, como todos nós, somos processos migratórios. Como dizíamos, atrás, cognitiva e emotivamente. A metáfora é aquela do rio: nascemos numa margem mas não ficamos sempre lá.

Ilustração

## O Processo de Mestiçagem Cultural



### **Ilustração 1** – A cultura de partida e a reconfiguração identitária na trajetória social

Essa margem inicial do eu pessoal e social não é necessariamente a margem final do contexto social que vamos habitar no futuro enquanto adultos. A pessoa, ao aprender, transforma-se: a pessoa aprende a andar, aprende a falar. Isto é apenas um modelo bipolar muito simples, muito dicotómico. Nós começámos por aplicar este modelo de análise no filme que realizámos com os imigrantes brasileiros em Portugal.

É possível identificar um modelo etnocêntrico, de acordo com a cultura de partida. Aquele que parte em relação à cultura original mas pensa o mundo sempre centrado nos valores desse primordialismo identitário: a primeira margem. Podemos falar dum segundo tipo, do emigrante que parte do Brasil para Portugal ou de um contexto para outro e não quer identificar-se com a cultura de partida, porque, estrategicamente, não é conveniente, como aconteceu com os portugueses quando foram para os Estados Unidos

e precisaram até de metamorfosear os nomes. São estratégias sociais até de sobrevivência (Camilleri, 1989). A pessoa acaba por ver o mundo centrado na cultura de chegada - a segunda margem - e a esses nós damos o nome de *oblato*, aquele que renega a cultura de origem (Vieira e Trindade, 2008).

Depois temos outros tipos: o bilingue ou bicultural, ou multicultural, que habita duas ou mais margens e que consegue ser (aqui ser significa dominar a língua do ponto de vista linguístico e do ponto de vista antropológico); e temos outras variantes que são esses terceiros - e todos nós somos terceiros. Mas, é bem verdade que às vezes não queremos ter consciência dessa condição e assumimo-nos como puros, monoculturais, como se alguém fosse puro do ponto de vista cultural, como se todos nós não fôssemos mestiços (Vieira, 2009). Não são só os brasileiros, não são só os imigrantes. Não há hoje culturas puras. Somos já mestiços e cria-se uma nova mestiçagem com as novas interações. Cria-se essa terceira dimensão de que temos vindo a falar e que às vezes leva a que o indivíduo seja mais híbrido e tenha até crises de identidade. Há, efectivamente, pessoas que têm identidades transfronteiriças. Imaginem, por exemplo, um alentejano e um amigo do lado de lá, em Espanha. Devem estar pouco preocupados nas conversas, e na ida ao café e ao cinema, em estar a distinguir se um é português, e o outro é espanhol. O problema da identificação aí é outro!

Estamos aqui a ilustrar, por um lado, a ideia de identidade objectiva, a do bilhete de identidade, da naturalidade, nascimento; e outra, muito mais interior, muito mais subjectiva, que é esse processo de identificação. Por último, nós temos usado também o conceito de trânsito intercultural, para o sujeito que consegue fazer a síntese entre os vários mundos que habita, como é caso do Rowney, esse cirurgião dentista, que se afirma como um cidadão da terra e que não rejeita nenhum dos seus pertencimentos. Mas a grande questão é rompermos com essa ideia monolítica da identidade de que a pessoa é só uma coisa: se é português tem que ser católico, e não pode ser português e muçulmano<sup>2</sup>. As variantes são mesmo todas possíveis! Portanto, perante brasileiros que vamos ver aqui, quem são estes? Metade brasileiro, metade português? Haverá pessoas que darão esta resposta! Mas a identidade compartimenta-se? Alguns outros falam de diferentes “eus”: eu não sou um, sou vários; há diferentes “eus” conforme o contexto. Há outros autores que dizem, como é o caso de Amin Maalouf (2002: 10): “Não tenho várias identidades, tenho apenas uma, feita de todos os elementos que a moldaram

---

1) Um entre muitos exemplos possíveis para ilustrar a complexidade de cada sujeito.

segundo uma dosagem particular que nunca é a mesma de pessoa para pessoa...”. Quer dizer, a trajectória social, que pode ser muito semelhante e a identidade pessoal com essa dosagem que é essa vontade de identificação com A e não com B, com A-, não com A+, é diferente de pessoa para pessoa. O que faz com que diferentes trajectórias sociais, diferentes condições objectivas vividas possam criar identificações interiores muito diferenciadas, por vezes...

## **2. Imigrantes, Fronteiras e Metamorfoses Identitárias**

Os imigrantes que vivem entre culturas podem escolher entre uma atitude pragmática de integração na sociedade de destino ou, ao contrário, privilegiar uma dimensão ontológica, vivendo de acordo com a cultura de origem. Neste caso, o apelo das raízes influencia o comportamento podendo levar à recusa da cultura de chegada. Há ainda um tipo de estratégia identitária que é a de viver perfeitamente entre os dois mundos.

Para muitos imigrantes, o sucesso na nova sociedade implica quebrar com as fronteiras estreitas do lugar de partida e a integração numa nova cultura que, em grande parte dos casos, traz consigo uma metamorfose ou mesmo uma transfusão cultural nas suas vidas. Sucesso, nesta nova sociedade, significa um acesso à maneira de pensar da nova cultura e pode levar a um abandono da cultura de origem a favor de uma segunda cultura.

Acedendo à cultura baseado na escrita e na lei do mercado, muitas vezes diferente da cultura de nascimento, significa deixar para trás a primeira identidade e criar uma outra: alguém que já não é o que foi, mas sim alguém que vive inteiramente de acordo com a cultura de chegada.

Por isso, o tornar-se membro da nova sociedade pode levar a pelo menos dois tipos de transformação. Pode ignorar-se e esquecer-se o passado cultural; ou, por outro lado, pode utilizar a riqueza da sua cultura de origem como um leque de experiências, como muitas no quotidiano, levando a um eu intercultural.

Para alguns, viver numa nova sociedade não é fácil porque viver numa sociedade moderna implica um corte com a antiga forma de pensar e viver. A modernização da sociedade é baseada, como disse Weber, na racionalização da vida social. Para muitos imigrantes vindos de sociedades pré-modernas ou pré-burocráticas, viver entre estes dois mundos, pode levar a uma divisão deles próprios, causando aquilo que Bastide (1955) chamou de *princípio de corte*. Com este modelo, Bastide, descrevendo a situação dos afro-americanos no Brasil, refere-se à capacidade dos indivíduos de viver em cada

mundo como uma pessoa diferente, fazendo uso de diferentes racionalidades. Isto é o caso da pessoa que trabalha num banco, e algumas horas mais tarde pode estar a tomar parte no *candomblé*.

O primeiro modelo aplica-se àqueles que têm medo de falar de si e denunciar o seu passado. Nunca falam das suas origens, do lugar onde nasceram, onde cresceram e viveram antes de emigrarem. Procuram transmitir a ideia de que são produto da cultura de chegada. Na sua comunicação, nunca usam elementos dos contextos da infância nem da cultura de partida, nem mesmo quando se encontram com pessoas da mesma origem. É o *oblato*.

O oblato educa os seus filhos para a nova sociedade e nega-lhes o passado. É comum para muitos filhos de imigrantes ao chegarem à adolescência lamentarem-se da ausência de passado que os leva em busca das suas raízes nos países de origem dos seus antepassados.

O segundo modelo é o *trânsfuga intercultural*. Neste modelo há uma aceitação da nova cultura sem rejeitar a antiga. O *trânsfuga intercultural* integra a cultura do país de chegada no seu universo pessoal, o que dá uma nova dimensão à cultura de origem sem a destruir ou substituir, dando-lhe uma terceira dimensão resultante da integração comparativa do eu e do outro, do nós e do eles.

Os imigrantes de tipo *trânsfuga intercultural* aceitam que são mestiços e não têm qualquer problema em viajar aos contextos do passado, como é o caso de Rowney aqui abordado particularmente.

### **3. Rowney e o Self Intercultural: eu não sou o que nasci**

Rowney é médico cirurgião dentista. Está em Portugal há dezassete anos. Tem uma família luso-brasileira (a mulher é portuguesa, de Coimbra), e tem duas filhas do primeiro casamento. Embora nascidas em Portugal, não lhes foi concedida na altura a nacionalidade portuguesa, devido à legislação que vigorava então.

Rowney reclama para si o direito de ser tudo: da primeira, da segunda e de todas as margens. Assume-se como um cidadão glocal e um projecto em aberto:

*Eu sinto-me um cidadão da Terra. Eu não sou aquilo que nasci, eu sou o que construí, eu sou o que sou hoje. Se vai ser assim amanhã, não sei, provavelmente não. Provavelmente amanhã vou juntar mais coisas, mais aprendizagens, mais experiências e se calhar vou estar diferente, vou estar com*

*outras visões, até me posso tornar um fundamentalista ou ainda um indivíduo mais aberto do que sou hoje. Não vejo as coisas com essa fixação no tempo. A minha experiência de vida foi fundamental para essa minha capacidade camaleónica de me adaptar.*

A sua adesão à cultura de origem faz-se por um apego às tradições alimentares do Brasil, e a firme recusa de pratos tradicionais portugueses. Esta identificação primordial é também fortemente reivindicada através de um investimento afectivo na escola de samba a Portela, ou no clube de futebol brasileiro, o Flamengo; investimento que não faz em qualquer clube português.

*Não me peçam para torcer por outra escola que não seja a Portela, não vale a pena, é a escola de samba do meu coração cujas cores são azul e prata. Eu assisto ao desfile da Portela religiosamente os outros vejo [risos], é um pouco ritual, também há o ritual quando sento para ver o Flamengo a jogar não é a mesma coisa que sentar para ver o Porto jogar ou o Benfica. Quando o Flamengo joga saiam de perto de mim porque aí o fundamentalismo quase chega às raias da loucura [risos] tenho os meus pontos fracos, sou humano. O Flamengo é que é o meu coração, o que é que eu vou fazer eu não consigo torcer por outra equipa. Quando estão ali duas equipas a defrontarem-se escolhe-se uma para ter mais simpatia mas não me consigo fixar por outra equipa, não dá para sofrer, é o Flamengo.*

Se o futebol funciona como âncora importante à cultura de origem, essa dimensão ontológica, o apelo das raízes, é reforçada pelas preferências alimentares, inequivocamente brasileiras. A alimentação, importante veículo do simbólico, é um reduto para Rowney afirmar a sua identidade original e rejeitar a assimilação total na cultura portuguesa pela veemente recusa dos pratos mais emblemáticos da cozinha portuguesa.

*Eu não me adaptei facilmente do ponto de vista alimentar. Na altura em que cheguei a Portugal, os cozidos, os grelhados não faziam parte da minha alimentação, eu até hoje continuo a alimentar-me brasileiroamente: abomino couves; então caldo verde é uma questão fora de qualquer conversa; o cozido à portuguesa é um prato que não me serve para rigorosamente nada; entretanto o*

*bacalhau do jeito que for, “marcha” que é uma “gracinha”; tenho um “asco” de sardinha assada - para mim aquilo é a visão do inferno, é o quadro de Dante bem pintado; mas em contra partida sou apaixonado por um robalinho grelhado, há uma identificação com as coisas e não com a nacionalidade delas. E posso me gabar de ter ensinado a minha esposa a fazer muita coisa que ela faz hoje, de comida brasileira e não só.*

### **“Um português de brincadeira” na margem de cá**

Através da família portuguesa, das filhas, e da nação, simbolizada pelo hino português que entoa de forma emocionada, este imigrante brasileiro reclama a sua portugalidade.

*Você coloca pão para assar no forno, o que é que sai de lá? Pão ou borboleta? Sai pão. Portanto, as minhas filhas são portuguesas, elas nasceram aqui, filhas de pais brasileiros mas são portuguesas, sempre senti isto. A questão é saber qual o enfoque que se vai dar a esta questão, oficialmente não são, tecnicamente se calhar também não.*

*Eu, inicialmente, mantive-me completamente brasileiro, imigrante sem laços. O estatuto de igualdades, direitos e deveres transforma-me num indivíduo brasileiro com os mesmos direitos e deveres de um cidadão português, é como se eu fosse português de brincadeira.*

*O Hino Português me faz muita diferença, eu tenho uma relação com o Hino Português muito curiosa porque quando eu chego a Portugal e vejo a eloquência, a rapidez com que o hino chega aos portugueses, eu fiquei completamente encantado com isso, então ficou uma simpatia muito grande pelo hino. Hoje quando se canta o hino nos jogos da selecção, por exemplo, há bem pouco tempo estava a começar um jogo de Portugal e começámos a cantar o hino “Heróis do mar nobre povo ...” e as minhas filhas ficaram a olhar para mim e perguntaram-me se eu sabia o hino todo. Claro que eu sei como é que eu vivo há 17 anos aqui e não ia saber o hino, esse hino para mim já faz muita diferença. A “portugalidade” já me é muito cara. Não vou deixar de ser brasileiro nunca.*

### **A metamorfose**

É o olhar dos outros que permite objectivar a transformação operada e tomar

consciência dessa disjunção da identidade.

*Eu não sou o Rowney sempre, muitas vezes não tão directamente, mas mais pelas costas, eu sou “O Brasileiro”, ah é aquele médico brasileiro. Isso dá-te uma dimensão da importância da conduta que cada indivíduo como uma individualidade tem fora do seu país, você é representante do seu país.*

*Não, sou brasileiro, mas também posso dizer que sou português.*

### **A fuga pela terceira margem do rio: a identidade glocal**

Com um pé em cada margem, onde criou raízes, Rowney é como uma orquídea, viajando pelo espaço em busca da terceira margem (Serres, 1993), o lugar que não existe em parte nenhuma, ou que poderia ser qualquer lugar da Terra.

*Claro que eu tenho raízes, não há como negar isso, agora não quer dizer que eu não possa estar bem onde estou. As raízes das orquídeas estão metidas na árvore que as sustenta, mas elas às vezes vão até o solo, as raízes das orquídeas são muito grandes, a planta é que é pequenina. A sensação que eu tenho é que o Brasil é pequeno demais, Portugal é pequeno demais. Se por qualquer razão eu tivesse que ir viver para a Rússia ou para a Bulgária eu iria, não sei se teria mais ou menos dificuldade, mas eu não encararia com nenhum receio o facto de ir viver para a Bulgária.*

*O emigrante é um sem terra, não tem lugar no mundo, haviam de criar imediatamente a “Emigrónia” (risos) porque é um problema seríssimo. Eu aqui em Portugal sou brasileiro e quando vou ao Brasil sou português. A “Emigrónia” não existe, eu não tenho canto. Hoje quando vou ao Brasil toda a gente me chama “O Português”.*

*Há duas cidades no mundo que eu trocava Caldas da Rainha por qualquer uma delas: Barcelona e Rio de Janeiro, mas este não existe mais, é uma cidade extremamente violenta, abusivamente desumana para aquilo que eu gosto. E sou completamente siderado por Barcelona, rendido, são as duas cidades que me encantam definitivamente a nível de modo de vida e isso dá mais ou menos uma ideia da minha maneira de ser, sou pouco ligado a formalidades.*

#### **4. Em Jeito de Conclusão**

O estudo das metamorfoses na identidade dos imigrantes mostra que pode haver diferentes estratégias na sua gestão. Vivendo entre duas culturas, o indivíduo numa situação de aculturação é confrontado com a escolha de uma ou de outra. Como resultado disso, o imigrante pode tornar-se etnocêntrico, quando recusa a nova cultura e idealiza a cultura de origem; ou um oblato, que idealiza a cultura de chegada e esconde a cultura de origem; ou um trânsfuga intercultural, como Rowney, que sintetiza ambas as culturas, e torna-se numa terceira pessoa; ou, ainda, alguém que não consegue fazer essa síntese e é incapaz de escolher; que vive, assim, dividido entre dois mundos (Vieira, 2004; Vieira, 2009; Vieira e Trindade, 2008).

#### **Referências Bibliográficas**

- BARTH, Frederick (1995). “Les Groupes Ethniques et leurs Frontières”. In POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne *Théories de L’Ethnicité*, Paris: PUF.
- BASTIDE, Roger (1955). “Le Principe de Coupure et le Comportement Afro-Brésilien”. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. S. Paulo: Anhembi, Vol I, pp. 493-503.
- BASTOS, José e BASTOS, Susana (1999). *Portugal Multicultural*. Lisboa: Fim de Século.
- CAMILLERI, Carmel (1989). “La culture et l’identité culturelle: champ national et devenir”. In CAMILLERI, Carmel e COHEN-EMERIQUE, Margalit. *Chocs des Cultures: Concepts et Enjeux Pratiques*. Paris: L’Harmattan.
- MAALOUF, Amin (2002). *Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel.
- SERRES, Michel (1993). *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VIEIRA, Ricardo e MENDES, Maura (2010). “Identity Reconfiguration of Immigrants in Portugal”. In *Diversity* 2, n. ° 7, pp. 959-972.
- VIEIRA, Ricardo (2009). *Identidades Pessoais*. Lisboa: Colibri.
- VIEIRA, Ricardo e TRINDADE, José (2008). “Migration, Culture and Identity in Portugal. In *Language and Intercultural Communication*” Vol. 8, No. 1.
- VIEIRA, Ricardo (2008). “As histórias de vida como instrumento de investigação e (auto)formação de professores, imigrantes e idosos”. In PASSEGGI, Maria da

Conceição e SOUZA, Elizeu (Org.) (2008). *(Auto)Biografia: Formação, Territórios e Saberes*, Natal /RN: EDUFRN e Paulus.

VIEIRA, Ricardo (ed.) (2004). *E Agora Professor? A transformação na voz dos professores*. Porto: Profedições.